

Os professores de economia de Sarney

MANUELA RIOS

A política econômica da Nova República deve seguir o estilo da frugalidade, queimando-se as muitas gorduras que ainda existem, mas sem seguir a dieta austera do Fundo Monetário Internacional, que implicaria sacrifícios para toda a população, gastando calorias de setores que já não podem emagrecer mais. Paralelamente, a Nova República também deve adotar diretrizes diversas e simultâneas que se ajustem às características de cada região, a fim de evitar os desperdícios causados nos diferentes "Brasis econômicos" por uma política uniformizada para todo o território. E essas diretrizes deve-

riam receitar como prioridades básicas as chamadas "economias concretas": comer, vestir e morar.

Quem recomenda tal terapêutica é o doutor Yuichi Tsukamoto, um economista de 57 anos nascido no Japão, que vem prestando colaboração pessoal ao presidente José Sarney desde seus tempos de campanha à vice-presidência da República na chapa de Tancredo Neves. Há 27 anos no Brasil, onde chegou em 1958 depois de se formar pela Universidade de Tóquio e se doutorar pela universidade norte-americana de Indiana (na qual também lecionou), Tsukamoto divide seu tempo, hoje, entre as aulas de administração financeira

da Escola de Administração de Empresas da FGV/SP, sua atividade de professor convidado do programa de mestrado da Faculdade de Economia e Administração da USP, a colaboração junto à Warthon Econometric Forecasting Associates uma diretoria da Sharp do Brasil e a participação nos conselhos de administração de diversas empresas.

ERIS E OS JUROS

A política monetária atual não tem nenhuma função no combate à inflação, já que as taxas de juros chegaram a patamares tão elevados que — ao contrário do que prega a teoria — não induzem mais a um aumento da poupança ou ao corte de investi-

mentos e estoques por parte das empresas, pois todo mundo já está trabalhando com o mínimo possível. Por isso, o Banco Central tem margem de manobra suficiente para baixar substancialmente os juros, sem deixar de colocar no mercado o mesmo volume de títulos que oferece hoje e sem a necessidade de emitir mais moeda para elevar a oferta de crédito.

Este é o diagnóstico que o economista Ibrahim Eris, 40 anos, 13 no Brasil, apresentou há menos de um mês como convidado do presidente José Sarney à reunião entre ministros da área econômica e economistas do setor privado, realizada na

Granja do Torto. Nascido na Turquia, onde se formou na Universidade de Middle East, pós-graduado na universidade norte-americana de Vanderbilt, no Tennessee, na qual também lecionou, professor de Microeconomia e Avaliação de Projetos da Fipe/USP desde 1973, sócio da empresa de consultoria MBE Associados e só agora "descoberto", embora já tenha trabalhado com o ex-ministro Delfim Netto na Seplan e colaborado com o então secretário da Receita Federal, Francisco Dornelles —, Eris prefere não confirmar nem desmentir o que se diz desde a reunião do Torto, que sua tese agradou a Sarney.